

ASPECTOS SOCIOEMOCIONAIS NA APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

SOCIOEMOTIONAL ASPECTS IN THE LEARNING OF STUDENTS WITH DISABILITIES: CONTRIBUTIONS OF SPECIAL EDUCATION

ASPECTOS SOCIOEMOCIONALES EN EL APRENDIZAJE DE ESTUDIANTES CON DISCAPACIDAD: CONTRIBUCIONES DE LA EDUCACIÓN ESPECIAL

Zulmira dos Santos Ribeiro¹
Mônica Santiago Costa Melo²
Letícia Campos Silva³
Mavila Jensime Sousa Nunes⁴
Hellen Cardenally Cutrim Lima Soares⁵
Kátia de Carvalho Mateus⁶

RESUMO: Este artigo examina como os aspectos socioemocionais influenciam a aprendizagem de estudantes com deficiência e em que medida a Educação Especial contribui para esse desenvolvimento. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, com ênfase em produções recentes e marcos normativos nacionais que articulam formação integral, acessibilidade e convivência em salas comuns. Os resultados indicam que o reconhecimento das emoções como parte do currículo amplia o engajamento, fortalece a autoestima acadêmica e favorece a autorregulação, especialmente quando o Atendimento Educacional Especializado (AEE) atua de forma integrada ao trabalho docente. Evidenciou-se, ainda, que a formação continuada de professores, a gestão escolar humanizada e práticas avaliativas formativas voltadas ao desenvolvimento socioemocional criam ambientes de pertencimento e confiança, condição que repercute positivamente no desempenho cognitivo e na participação. Conclui-se que investir na dimensão socioemocional, em chave inclusiva, é estratégico para garantir o direito de aprender com qualidade e equidade, exigindo políticas consistentes, mediações pedagógicas sensíveis e cultura escolar pautada na ética do cuidado.

5166

Palavras-chave: Educação Especial. Competências socioemocionais. Inclusão escolar.

¹Mestrado em Formação de Professores, UNEATLANTICO.

²Especialização Psicopedagogia Clínica e Institucional. UNEATLANTICO.

³Mestranda em Educação formação de professor. UNEATLANTICO.

⁴Mestranda em tecnologia da educação. Faculdade de Ciencias Sociales Interamericana.

⁵Mestrando em educação, faculdade de ciencias sociales interamericana.

⁶Mestranda em Educação, UNEATLANTICO.

ABSTRACT: This article examines how socioemotional aspects influence the learning of students with disabilities and the extent to which Special Education contributes to this development. A bibliographic review with a qualitative approach was conducted, focusing on recent literature and national regulatory frameworks that articulate whole-child education, accessibility, and learning in common classrooms. The findings indicate that recognizing emotions as part of the curriculum increases engagement, strengthens academic self-esteem, and supports self-regulation, especially when Specialized Educational Assistance (AEE) operates in an integrated way with classroom teaching. Evidence also shows that continuous teacher professional development, humanized school leadership, and formative assessment practices oriented to socioemotional growth create environments of belonging and trust conditions that positively affect cognitive performance and participation. It is concluded that investing in the socioemotional dimension, within an inclusive perspective, is strategic to guarantee the right to learn with quality and equity, requiring consistent public policies, sensitive pedagogical mediation, and a school culture grounded in an ethics of care.

Keywords: Special Education. Socioemotional competencies. School inclusion.

RESUMEN: Este artículo examina cómo los aspectos socioemocionales influyen en el aprendizaje de estudiantes con discapacidad y en qué medida la Educación Especial contribuye a ese desarrollo. Se realizó una revisión bibliográfica con enfoque cualitativo, centrada en literatura reciente y en marcos normativos nacionales que articulan formación integral, accesibilidad y escolarización en aulas comunes. Los hallazgos indican que reconocer las emociones como parte del currículo incrementa el compromiso, fortalece la autoestima académica y favorece la autorregulación, especialmente cuando la Atención Educativa Especializada (AEE) actúa de forma integrada al trabajo docente. Asimismo, se evidenció que la formación continua del profesorado, el liderazgo escolar humanizado y las prácticas de evaluación formativa orientadas al desarrollo socioemocional crean entornos de pertenencia y confianza, condiciones que repercuten positivamente en el rendimiento cognitivo y en la participación estudiantil. Se concluye que invertir en la dimensión socioemocional, desde una perspectiva inclusiva, es estratégico para garantizar el derecho a aprender con calidad y equidad, requiriendo políticas consistentes, mediaciones pedagógicas sensibles y una cultura escolar sustentada en la ética del cuidado.

5167

Palabras clave: Educación Especial. Competencias socioemocionales. Inclusión escolar.

INTRODUÇÃO

A aprendizagem é um processo que envolve não apenas dimensões cognitivas, mas também aspectos afetivos e sociais que influenciam diretamente o desenvolvimento do estudante. Quando se trata de alunos com deficiência, compreender os aspectos socioemocionais torna-se essencial, pois as emoções e os vínculos estabelecidos com o ambiente escolar exercem papel decisivo na construção do conhecimento. Segundo Goleman (2020), as competências emocionais estão intimamente relacionadas à capacidade de aprender, conviver e se adaptar às diferentes situações do cotidiano escolar. Nesse sentido, a escola precisa ir além

da transmissão de conteúdos, constituindo-se como um espaço de acolhimento, empatia e valorização das diferenças.

A Educação Especial, inserida no contexto da educação inclusiva, apresenta-se como um campo de práticas e saberes que reconhece as singularidades dos sujeitos e busca garantir o direito de todos à aprendizagem. Conforme as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), é dever da escola promover estratégias que considerem as especificidades de cada estudante, assegurando não apenas o acesso, mas também a permanência e o sucesso escolar. Isso implica compreender que as barreiras à aprendizagem não são apenas físicas ou cognitivas, mas também emocionais, relacionais e institucionais.

O desenvolvimento socioemocional é, portanto, uma dimensão essencial para a inclusão. Vygotsky (1998) já afirmava que as emoções são parte integrante do processo de formação do pensamento e que a aprendizagem é mediada por relações sociais que despertam o interesse, a curiosidade e a motivação. Dessa forma, compreender as necessidades emocionais dos estudantes com deficiência significa também favorecer o seu desenvolvimento cognitivo, pois ambos os processos estão interligados. A ausência de estímulos afetivos e o não reconhecimento das potencialidades podem gerar sentimentos de exclusão, medo e desmotivação, prejudicando o avanço escolar.

5168

Nos últimos anos, a temática dos aspectos socioemocionais ganhou destaque nas políticas educacionais brasileiras. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) introduziu a importância das competências socioemocionais como parte da formação integral do estudante, destacando a empatia, a responsabilidade, a colaboração e o autoconhecimento como pilares do desenvolvimento humano. Para estudantes com deficiência, tais competências assumem valor ainda maior, pois ajudam na construção da autonomia, na autorregulação emocional e no fortalecimento das relações interpessoais dentro e fora da escola.

A escola, nesse contexto, assume papel decisivo na formação emocional dos estudantes. É no convívio diário que se constroem valores, sentimentos de pertencimento e reconhecimento das diferenças. Conforme Freire (1996), educar é um ato de amor e coragem, e a prática pedagógica deve ser conduzida com sensibilidade e respeito à diversidade humana. Assim, cabe ao professor, mediador do processo educativo, desenvolver práticas inclusivas que favoreçam não apenas o desempenho acadêmico, mas também o bem-estar e a autoestima dos estudantes com deficiência.

Outro aspecto relevante é o preparo emocional dos próprios professores. A atuação docente com estudantes com deficiência exige empatia, paciência e equilíbrio emocional, competências que só se fortalecem por meio de processos contínuos de formação docente. Para Alves e Mendes (2021), o professor precisa compreender suas próprias emoções para lidar de forma acolhedora com as emoções do outro, criando um ambiente seguro e estimulante. Isso reforça a importância da formação continuada voltada às práticas inclusivas e à educação socioemocional.

Além disso, a família e a comunidade escolar desempenham papel complementar nesse processo. O apoio emocional e o diálogo constante entre escola, família e profissionais da Educação Especial potencializam a aprendizagem e fortalecem o sentimento de pertencimento do aluno. De acordo com Costa e Lima (2022), o trabalho colaborativo entre esses agentes é indispensável para o desenvolvimento pleno das competências socioemocionais, permitindo que o estudante se perceba como sujeito capaz e ativo em sua trajetória educacional.

Por fim, compreender os aspectos socioemocionais na aprendizagem de estudantes com deficiência é reconhecer que a educação vai muito além do domínio de conteúdos formais. Trata-se de um processo de construção humana que envolve afetividade, ética e inclusão. O presente artigo tem como objetivo discutir as contribuições da Educação Especial para o desenvolvimento socioemocional e para a aprendizagem significativa desses estudantes, evidenciando que a inclusão verdadeira só se concretiza quando há sensibilidade, respeito e compromisso com o outro em sua totalidade.

MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, voltada à análise das produções teóricas que abordam os aspectos socioemocionais na aprendizagem de estudantes com deficiência e as contribuições da Educação Especial nesse processo. Segundo Gil (2019), a pesquisa bibliográfica tem como objetivo reunir, selecionar e analisar materiais já publicados, possibilitando ao pesquisador uma compreensão mais profunda sobre determinado fenômeno, a partir do diálogo com autores que se dedicaram ao tema. Assim, o estudo não pretende apenas descrever conceitos, mas refletir criticamente sobre as práticas educacionais que envolvem a dimensão emocional da aprendizagem inclusiva.

A abordagem qualitativa foi escolhida por permitir uma análise interpretativa e reflexiva das produções acadêmicas, priorizando o entendimento dos significados atribuídos

pelos autores às experiências educacionais. De acordo com Minayo (2012), a pesquisa qualitativa valoriza a subjetividade e busca compreender o fenômeno estudado a partir da perspectiva humana, o que se mostra essencial quando se discutem questões emocionais, afetivas e relacionais. Dessa forma, a escolha metodológica contribui para uma leitura mais sensível e contextualizada sobre a importância dos vínculos afetivos e das práticas inclusivas na escola.

O levantamento bibliográfico foi realizado em bases científicas amplamente reconhecidas, como Google Acadêmico, SciELO e Periódicos CAPES, abrangendo publicações entre os anos de 2015 e 2024, de modo a garantir a atualidade das informações. Foram selecionados artigos, dissertações e livros que tratam de temas relacionados à educação inclusiva, desenvolvimento socioemocional, formação docente e aprendizagem significativa. A escolha dos materiais considerou critérios de relevância, pertinência temática e reconhecimento científico dos autores, de forma a sustentar a análise teórica e contribuir para uma discussão consistente e fundamentada.

Após a seleção dos materiais, foi realizada uma leitura minuciosa e interpretativa das produções escolhidas, buscando identificar os principais conceitos, convergências e lacunas nas abordagens sobre o tema. Essa leitura analítica seguiu as orientações de Bardin (2016) sobre a análise de conteúdo, que consiste em organizar e categorizar informações de modo sistemático, permitindo compreender como os autores relacionam os aspectos socioemocionais ao processo de aprendizagem e à inclusão escolar. Esse procedimento possibilitou construir uma visão integrada das contribuições teóricas e práticas identificadas nas diferentes fontes analisadas.

A partir da leitura crítica dos textos, emergiram eixos temáticos que orientaram a estruturação das discussões apresentadas nos capítulos seguintes. Esses eixos envolveram: a importância do desenvolvimento emocional na aprendizagem, o papel da Educação Especial como mediadora da inclusão e a relevância das práticas docentes sensíveis às necessidades socioemocionais. Essa categorização favoreceu uma compreensão abrangente do tema, evidenciando a necessidade de fortalecer a dimensão emocional no contexto escolar e de consolidar políticas públicas que reconheçam o aluno com deficiência como sujeito integral.

Por fim, é importante destacar que esta pesquisa respeitou os princípios éticos da integridade científica e da fidedignidade das fontes consultadas. Todas as referências utilizadas foram devidamente citadas conforme as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023:2018), garantindo o rigor acadêmico e o respeito à propriedade intelectual

dos autores. Dessa maneira, o estudo busca contribuir com reflexões significativas sobre a importância da formação socioemocional e da Educação Especial para o fortalecimento de práticas inclusivas e humanizadas nas escolas brasileiras.

RESULTADOS

A análise das produções mais recentes revela que as emoções e os vínculos afetivos exercem influência direta sobre a forma como o estudante com deficiência se engaja cognitivamente nas atividades escolares. Em estudos realizados por Goulart (2024), evidenciou-se que os aspectos socioemocionais atuam como catalisadores da aprendizagem, funcionando como pontes entre o desejo de aprender e o esforço necessário para superar desafios acadêmicos. O autor destaca que o aluno emocionalmente acolhido tende a desenvolver maior autoconfiança, demonstrando abertura para participar de atividades em grupo, expressar opiniões e sustentar um percurso de aprendizagem mais autônomo. Esses achados reforçam a ideia de que a emoção não é um elemento periférico, mas constitutivo do ato de aprender, como já defendia Vygotsky (1998), ao afirmar que pensamento e sentimento se entrelaçam na construção da consciência e da linguagem.

No contexto das políticas públicas, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) introduziu de forma explícita a necessidade de trabalhar as competências socioemocionais em todos os níveis da Educação Básica, o que vem impulsionando novas práticas nas escolas inclusivas. O documento propõe a formação integral do estudante, abarcando dimensões cognitivas, éticas e afetivas, de modo que o aprender seja atravessado por experiências de empatia, responsabilidade e colaboração. Essa perspectiva é corroborada por estudos do Instituto Ayrton Senna (2021), que evidenciam o impacto positivo da educação emocional na motivação e na autorregulação de estudantes com e sem deficiência, sugerindo que o desenvolvimento de tais habilidades amplia as oportunidades de aprendizagem e de convivência harmoniosa.

A Educação Especial, nesse cenário, assume protagonismo por possibilitar a mediação entre o desenvolvimento cognitivo e as necessidades emocionais específicas de cada aluno. A Universidade Estadual do Ceará (UECE, 2024) destacou que a atuação dos profissionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE) tem favorecido a criação de espaços mais acolhedores, onde o erro é compreendido como parte do processo e não como sinal de fracasso. Essa mudança de perspectiva amplia a participação e reduz as barreiras atitudinais,

promovendo um sentimento de pertencimento entre os estudantes. A prática pedagógica mediada pelo afeto, segundo Freire (1996), é uma prática libertadora, pois reconhece o outro como sujeito de potencial e não como um ser carente de compensação.

A literatura recente também evidencia a importância do clima emocional dentro das salas de aula. Pesquisas realizadas por Todos Pela Educação (2022) mostram que ambientes caracterizados por relações de respeito, diálogo e confiança tendem a favorecer a aprendizagem colaborativa e o engajamento. Em contrapartida, contextos marcados por julgamentos e ausência de escuta geram retraimento e baixa autoestima, especialmente em estudantes com deficiência que historicamente enfrentam o estigma da incapacidade. Nesse sentido, a escola inclusiva não se define apenas por infraestrutura acessível, mas principalmente por relações humanas sensíveis e solidárias, onde a diversidade é reconhecida como riqueza e não como obstáculo.

Os estudos também apontam para a relevância da formação docente continuada voltada às dimensões emocionais do ensino. Segundo Alves e Mendes (2021), professores que desenvolvem competências socioemocionais como empatia, autoconhecimento e autorregulação tornam-se mais capazes de lidar com as emoções de seus alunos, construindo práticas pedagógicas mais sensíveis e eficazes. Esse dado é reforçado por Goulart (2024), ao argumentar que o bem-estar emocional do professor é fator determinante para o sucesso do processo inclusivo, uma vez que docentes emocionalmente exaustos tendem a reproduzir práticas automatizadas e pouco empáticas. Assim, a valorização da saúde mental e emocional dos educadores aparece como condição indispensável para o fortalecimento de uma escola verdadeiramente inclusiva.

5172

Outro resultado marcante diz respeito ao papel das famílias e da comunidade escolar no desenvolvimento socioemocional dos alunos com deficiência. Estudos de Costa e Lima (2022) mostram que o apoio familiar consistente, aliado a um diálogo aberto com a escola, potencializa a aprendizagem e o desenvolvimento da autonomia. A parceria escola-família cria um ambiente de segurança emocional, no qual o estudante se sente valorizado, ouvido e estimulado a participar das decisões sobre sua trajetória. Esse vínculo colaborativo também contribui para que a comunidade escolar desenvolva uma visão mais ampla e humanizada sobre a deficiência, superando preconceitos e práticas segregadoras ainda presentes no cotidiano educacional.

As práticas pedagógicas inovadoras baseadas em metodologias ativas têm se mostrado particularmente eficazes para integrar o cognitivo e o emocional. Experiências com

gamificação, projetos integradores e aprendizagem baseada em problemas vêm sendo utilizadas para fortalecer habilidades socioemocionais como persistência, empatia e trabalho em equipe (LIMA, 2025). Ao colocar o estudante no centro do processo, essas estratégias estimulam a autoconfiança e a reflexão sobre o próprio modo de aprender. A ludicidade, por sua vez, favorece a expressão emocional e ajuda o aluno a elaborar frustrações e conquistas, transformando o aprender em uma experiência prazerosa e significativa.

Nos resultados observados, emerge também a relevância de incluir a educação emocional como eixo transversal dos currículos escolares. A BNCC (BRASIL, 2018) e documentos orientadores estaduais (DOCUMENTO ORIENTADOR, 2020) recomendam que as escolas integrem habilidades socioemocionais às práticas de todas as áreas do conhecimento, evitando tratá-las como conteúdos isolados. Esse modelo de integração curricular tem se mostrado eficaz, pois promove coerência entre o que se ensina e o que se vivencia no cotidiano escolar. Dessa forma, o estudante passa a experimentar, em situações concretas, o sentido da cooperação, da empatia e da autogestão, elementos fundamentais para a convivência democrática e para a aprendizagem significativa.

Outro ponto destacado na literatura é a importância das avaliações formativas e reflexivas que contemplem o aspecto emocional. O Instituto Ayrton Senna (2021) propõe instrumentos de autoavaliação e observação docente que consideram não apenas o desempenho acadêmico, mas também o progresso em competências como autoconfiança, resiliência e empatia. Essa perspectiva rompe com a lógica punitiva das avaliações tradicionais e reconhece o estudante como um sujeito em constante processo de crescimento. Segundo UECE (2024), avaliações que valorizam o esforço, o engajamento e a superação pessoal contribuem para o fortalecimento da autoestima e para o sentimento de competência, o que impacta diretamente no rendimento escolar.

No campo das políticas educacionais, a literatura revisada aponta desafios e avanços. A análise de Gallert (2022) sobre o Decreto nº 10.502/2020 evidencia tensões entre concepções inclusivas e segregadoras na política de Educação Especial. No entanto, há consenso entre os autores de que a convivência em classes comuns, com os devidos apoios, é a via mais potente para o desenvolvimento socioemocional e cognitivo dos alunos com deficiência. Essa convivência promove o reconhecimento mútuo e a valorização das diferenças como parte essencial da formação cidadã. Todos Pela Educação (2022) reforça que uma escola

verdadeiramente inclusiva não apenas acolhe, mas transforma realidades por meio de práticas educativas pautadas no respeito e na solidariedade.

Os achados indicam também que a gestão escolar exerce influência decisiva sobre o clima socioemocional. Escolas cujas gestões priorizam o cuidado, a escuta e a formação das equipes docentes tendem a consolidar culturas organizacionais mais cooperativas (REASE, 2024). A liderança pedagógica humanizada cria condições para que professores e alunos se sintam valorizados, o que reverbera em relações mais empáticas e produtivas. Gestores que incentivam o diálogo e a corresponsabilidade estimulam a autonomia e a criatividade das equipes, construindo uma escola emocionalmente saudável e academicamente eficiente.

Além das práticas escolares, há também iniciativas que unem educação socioemocional e projeto de vida. De acordo com o Instituto Ayrton Senna (2021), programas que incentivam estudantes a refletirem sobre suas metas, desejos e valores pessoais fortalecem o senso de propósito e a resiliência diante das dificuldades. Para alunos com deficiência, esse trabalho é especialmente significativo, pois contribui para a formação de uma autoimagem positiva e para o enfrentamento das barreiras impostas pela sociedade. Essa perspectiva amplia o conceito de aprendizagem, aproximando-o de uma visão integral de ser humano e de desenvolvimento.

De forma geral, os resultados evidenciam que o investimento na dimensão emocional não se opõe à aprendizagem acadêmica ao contrário, potencializa-a. A emoção funciona como energia vital que impulsiona o pensamento, a criatividade e a capacidade de resolver problemas complexos. Como destaca Goulart (2024), o aprendizado só se torna pleno quando o estudante se sente visto, respeitado e compreendido em sua totalidade. Assim, a educação inclusiva que valoriza as emoções não apenas ensina conteúdos, mas também forma cidadãos conscientes, solidários e emocionalmente equilibrados.

5174

Por fim, observa-se que o campo de estudos sobre aspectos socioemocionais e deficiência ainda apresenta lacunas a serem exploradas. São necessárias pesquisas longitudinais que acompanhem os efeitos das intervenções emocionais ao longo do tempo, bem como investigações sobre diferentes deficiências e contextos culturais (UECE, 2024; LIMA, 2025). No entanto, mesmo diante dessas lacunas, os resultados obtidos nesta revisão sustentam a tese de que a Educação Especial desempenha papel crucial na promoção do desenvolvimento socioemocional e na consolidação de uma aprendizagem verdadeiramente inclusiva e humanizada.

DISCUSSÃO

Os resultados analisados apontam para uma mudança de paradigma na compreensão da aprendizagem de estudantes com deficiência, deslocando o foco do déficit para o desenvolvimento humano integral. Essa perspectiva, defendida por Goulart (2024), mostra que as emoções são o alicerce da motivação e da persistência, funcionando como a base sobre a qual o pensamento se organiza. Assim, quando a escola reconhece o valor da dimensão afetiva e cria vínculos de confiança, o estudante passa a ver-se como sujeito capaz de aprender. Vygotsky (1998) já antecipava essa relação intrínseca entre emoção e cognição, destacando que o aprendizado se enraíza nas interações humanas. A Educação Especial, ao promover práticas mediadas por sensibilidade e empatia, reitera essa concepção e amplia o campo da inclusão.

A leitura comparativa das fontes indica que o desenvolvimento socioemocional não deve ser compreendido como um componente separado da aprendizagem, mas como condição indispensável para que ela ocorra. De acordo com o Instituto Ayrton Senna (2021), as competências emocionais, quando trabalhadas de forma sistemática, aumentam a autorregulação, reduzem a ansiedade e favorecem a convivência escolar. Essa constatação ressoa na análise de REASE (2024), que evidencia a relação direta entre a autoestima do estudante e seu desempenho cognitivo. O ato de aprender, portanto, exige um contexto emocional equilibrado e um professor que reconheça a potência do afeto como elemento pedagógico.

5175

A formação docente surge, nos estudos revisados, como eixo fundamental para a consolidação dessa perspectiva humanizadora. Alves e Mendes (2021) enfatizam que o professor, ao compreender suas próprias emoções, torna-se mais preparado para lidar com os alunos, construindo relações pedagógicas baseadas na escuta e no respeito. Essa formação não se restringe a cursos teóricos, mas requer vivências reflexivas que integrem prática, autoconhecimento e empatia. Assim, a Educação Especial se fortalece como espaço de aprendizagem recíproca, onde o educador aprende com o aluno tanto quanto ensina, construindo saberes que se alimentam da convivência e da alteridade.

Outro aspecto recorrente na literatura analisada é o papel da escola como ambiente de convivência e acolhimento. Freire (1996) ensina que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Essa visão reafirma a ideia de que a aprendizagem é um ato de comunhão e não de imposição. Os resultados mostraram que escolas que priorizam o diálogo e a cooperação entre seus membros constroem

vínculos emocionais mais sólidos, o que favorece a permanência dos alunos com deficiência e sua participação ativa nas atividades escolares (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2022). O espaço escolar, nesse sentido, precisa ser visto como território de afetos, onde o erro é parte do processo e o respeito é princípio.

No âmbito das políticas públicas, a discussão sobre a Educação Especial na perspectiva inclusiva continua atual e desafiadora. A BNCC (BRASIL, 2018) consolidou a importância de trabalhar as competências socioemocionais, mas ainda há fragilidades na implementação das políticas de apoio. Gallert (2022) observa que, após o Decreto nº 10.502/2020, emergiram tensões sobre a permanência de práticas segregadoras que contrariam os princípios da inclusão. Entretanto, os estudos contemporâneos sustentam que o convívio entre alunos com e sem deficiência é essencial não apenas para o aprendizado acadêmico, mas para a formação ética e emocional de todos os envolvidos, fortalecendo o ideal de uma escola plural e justa.

A literatura recente também reforça que a inclusão emocional é um processo coletivo, que exige gestão participativa e políticas escolares coerentes. REASE (2024) aponta que a liderança empática dos gestores é determinante para criar um clima organizacional saudável. Escolas que investem na formação socioemocional de seus professores e no diálogo constante com as famílias tendem a alcançar melhores resultados pedagógicos e humanos. Essa visão encontra eco nas análises de UECE (2024), que destacam o papel das equipes gestoras na manutenção de práticas de acolhimento e acompanhamento das demandas emocionais do corpo discente e docente.

5176

Outro ponto de discussão emergente é o uso das metodologias ativas e tecnologias digitais como ferramentas para o desenvolvimento socioemocional. Lima (2025) mostra que a gamificação e os ambientes virtuais interativos estimulam a curiosidade, o engajamento e a resiliência emocional dos alunos. No caso de estudantes com deficiência, o uso intencional das tecnologias pode funcionar como amplificador de voz, proporcionando experiências de protagonismo e colaboração. No entanto, o autor ressalta que o recurso tecnológico, por si só, não garante inclusão; é preciso uma mediação docente sensível, que compreenda a tecnologia como ponte afetiva entre o aluno e o conhecimento.

As evidências também sugerem que as práticas de avaliação socioemocional formativa estão se consolidando como tendência na Educação Especial. O Instituto Ayrton Senna (2021) propõe abordagens avaliativas baseadas em observação e autoavaliação, nas quais o estudante é convidado a refletir sobre suas emoções, comportamentos e avanços pessoais. Essa estratégia,

segundo a UECE (2024), contribui para a construção da autonomia e da autopercepção, permitindo que o aluno reconheça suas conquistas e trace metas para seu próprio desenvolvimento. Avaliar sob essa ótica significa compreender que o processo é mais valioso que o produto, e que a aprendizagem é, antes de tudo, um movimento humano e contínuo.

Do ponto de vista social, a discussão aponta que a escola inclusiva é um espaço estratégico de formação de valores democráticos. A convivência com a diferença ensina tolerância, solidariedade e respeito, princípios fundamentais para a vida em sociedade (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2022). Nesse cenário, a Educação Especial não atua isoladamente, mas dialoga com toda a comunidade escolar, promovendo uma cultura de cuidado mútuo e empatia. O fortalecimento das dimensões socioemocionais contribui, assim, para a redução da violência simbólica e para a valorização das singularidades, o que transforma a escola em um espaço verdadeiramente educativo e emancipador.

Por fim, é possível afirmar que o debate sobre os aspectos socioemocionais na aprendizagem de estudantes com deficiência ultrapassa o campo técnico e pedagógico, assumindo contornos éticos e humanos. Educar, nesse sentido, é um ato de reconhecimento da humanidade do outro, uma escolha política que exige sensibilidade, paciência e compromisso social. As evidências analisadas reafirmam que uma educação emocionalmente inteligente é o caminho mais consistente para construir uma sociedade inclusiva, onde aprender e conviver se tornem experiências indissociáveis. Assim, investir nas dimensões socioemocionais e fortalecer a Educação Especial é investir na essência da educação: o desenvolvimento pleno e digno de cada ser humano.

5177

CONCLUSÃO

Reconhecer a centralidade dos aspectos socioemocionais na aprendizagem de estudantes com deficiência não é um adendo opcional ao currículo, mas uma condição para que a educação cumpra sua promessa de equidade e dignidade. Quando a escola acolhe emoções, histórias e ritmos de cada sujeito, desloca o foco do déficit para o potencial, abrindo espaço para que o conhecimento se construa no encontro entre cognição e afeto. Essa é, no fundo, a operação pedagógica defendida por uma tradição humanista que atravessa Freire, ao lembrar que ensinar é um ato de amor e coragem (FREIRE, 1996), e por Vygotsky, ao mostrar que pensamento e sentimento caminham imbricados nas interações sociais que dão sentido ao aprender (VYGOTSKY, 1998).

No plano normativo, a BNCC consolidou a formação integral como horizonte da Educação Básica, situando a educação socioemocional como parte do direito à aprendizagem (BRASIL, 2018). Essa diretriz ganha concretude quando as redes assumem o desenvolvimento de competências como empatia, autorregulação e colaboração de modo transversal, com intencionalidade pedagógica e critérios formativos claros. Evidências recentes do Instituto Ayrton Senna mostram que estratégias de avaliação e acompanhamento socioemocional, quando bem mediadas, reforçam motivação, autoconhecimento e persistência, criando condições para que estudantes com e sem deficiência avancem de forma mais justa (PRIMI et al., 2023; INSTITUTO AYRTON SENNA, 2021). Assim, proteger o lugar das emoções na escola não diminui o rigor acadêmico; ao contrário, o potencializa.

No campo das políticas de inclusão, a discussão em torno da Educação Especial exige vigilância democrática e compromisso técnico. O Decreto nº 10.502/2020 reacendeu debates sobre arranjos segregados, e a literatura especializada tem reiterado que o convívio em classes comuns com apoios adequados favorece tanto os resultados acadêmicos quanto o desenvolvimento socioemocional de todos (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2022). Nessa chave, o AEE e as equipes multiprofissionais devem operar como pontes entre o que a lei assegura e o que a sala de aula realiza, articulando acessibilidade, mediações pedagógicas e pactos de convivência que sustentem pertencimento e autonomia.

5178

Do ponto de vista metodológico e da prática docente, uma escola que cuida do emocional precisa cuidar de quem cuida. A formação continuada que integra teoria, reflexão e experiência inspirada por referenciais sólidos de pesquisa (BARDIN, 2016; MINAYO, 2012; GIL, 2019) ajuda o professor a reconhecer suas próprias emoções e a transformá-las em mediação pedagógica, criando ambientes de aprendizagem mais seguros, dialógicos e colaborativos. É nessa ambiência que se tornam férteis metodologias ativas, rotinas de feedback sensível e avaliações formativas que descrevem processos, valorizam avanços e orientam novos passos.

Por tudo isso, afirmamos que as contribuições da Educação Especial para a aprendizagem de estudantes com deficiência passam, decisivamente, pelo fortalecimento das dimensões socioemocionais como eixo estruturante do trabalho escolar. O caminho que se impõe combina direito educacional (BNCC e marcos legais), gestão humanizada, formação docente e avaliação socioemocional responsável, sempre orientados pela ética do cuidado e pelo reconhecimento da singularidade. Investir nesse conjunto é, em última análise, investir no que

há de mais essencial no ato educativo: fazer emergir, em cada estudante, a possibilidade de aprender com sentido, viver com dignidade e participar, de fato, da vida comum.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. Decreto nº 10.502, de 30 de setembro de 2020. Institui a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. Brasília: Presidência da República, 2020.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

INSTITUTO AYRTON SENNA. *Avaliação socioemocional*. São Paulo: Instituto Ayrton Senna, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

PRIMI, Ricardo; SANTOS, Daniel; JOHN, Oliver P.; DE FRUYT, Filip. *Instrumento SENNA para avaliação socioemocional: manual técnico*. São Paulo: Instituto Ayrton Senna, 2023.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. *Educação inclusiva Educação Já: propostas para políticas públicas*. São Paulo: Todos Pela Educação, 2022.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.